



UMA CRIANÇA MORTA: O INSUPORTÁVEL ESTRANHO DE NÓS MESMOS

A DEAD CHILD: THE UNBEARABLE STRANGER OF OURSELVES

Juliana BARTIJOTTO¹

Leda Verdiani TFOUNI²

¹ Doutoranda pelo Programa de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências de Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Em regime de dupla titulação com a Université Paria 8. E-mail. jubartijotto@gmail.com. Pesquisa financiada pela CAPES.

² Professora Titular da Faculdade de Filosofia Ciências de Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Pesquisadora CNPq. E-mail. lvtfouni@usp.br.



RESUMO

A foto de Aylan Kurdi afogado em uma praia da Turquia após naufrágio enquanto tentava buscar refúgio, assombrou e horrorizou o mundo dando início à procura de sentido por algo que, até então, estava recalcado no inconsciente coletivo. Essa foto escancarou algo desconhecido que evitávamos encarar por retratar uma realidade que evoca algo assustador de nós mesmos que nos olha de fora, denominado pela psicanálise de *Unheimlich*. Neste artigo, procuramos entender a foto e suas reverberações midiáticas. Analisamos a foto como um acontecimento discursivo que atualizou uma memória do que é ser criança e do tempo de infância, e ao mesmo tempo efetuou uma ressignificação do que é ser refugiado na atualidade. A partir do efeito de exclusão do funcionamento capitalista, detectamos uma tentativa de reversão: incluir os excluídos. Porém, o excluído (socialmente) é sempre susceptível de tornar-se *Unheimlich*, e aparece sob as mais diferentes representações, indiciando a desigualdade entre classes.

PALAVRAS-CHAVES

Foto, Aylan Kurdi, *Unheimlich*, discurso dominante, refugiado.

ABSTRACT

Aylan Kurdi's photo, drowned on a Turkish beach while trying to seek refuge, horrified the world and started the search for the meaning of something that, until then, was repressed. It has debuted something unknown that we avoided facing by portraying a reality that evokes something frightening of ourselves that looks at us from the outside, called *Unheimlich*



by psychoanalysis. In this article, we try to understand the photo and its reverberations by the media, taking the photo as a discursive event that updated a memory of what it is to be a child and resignified what it is to be a refugee today. Departing from the exclusion effect of capitalism, we detected a reversal attempt: to include the excluded. However, the excluded (socially) is always likely to become *Unheimlich*, and appears under the most different representations, clueing the inequality between classes.

KEYWORDS

Photo, Aylan Kurdi, *Unheimlich*, dominant speech, refugee.

*Cavalgar, cavalgar, cavalgar, pela noite, pelo dia, pela noite.
Cavalgar, cavalgar, cavalgar. E a coragem tornou-se tão lassa e a
saudade tão grande.
(Rilke, 1961)*

*Há mais de 70 milhões de refugiados no mundo e
metade são crianças.*

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da grave questão social dos refugiados, e toma como objeto de análise a foto de Aylan Kurdi, uma criança síria de etnia curda de 3 anos encontrada morta numa praia da Turquia, mobilizou o mundo. Ele morreu afogado durante a tentativa de atravessar o Mediterrâneo com a família num bote frágil, a fim de fugir da guerra em seu país. Estavam buscando refúgio na



Turquia, mas Aylan não conseguiu. Essa foto, que foi divulgada mostrando Aylan sozinho, morto, bem como a sequência de fotos que se segue a ela, retratando o momento posterior, quando o policial recolhe o corpo de Aylan e o carrega nos braços (como se fosse uma criança adormecida) assombrou e enterneceu o mundo (As fotos foram feitas por Nilüfer Demir, da agência Reuters, em 03/09/2015). Circulou de forma viral na mídia (jornais, televisão, internet), sendo compartilhada, reproduzida, comentada de modo incessante durante um intervalo de tempo nos jornais e redes sociais, escancarando um mundo desconhecido que até então evitávamos encarar por retratar uma realidade que evoca algo assustador e recalcado de nós mesmos e que nos olha de fora.

Foto 1



Fotos 2 e 3





Apostamos que o efeito de sentido de consternação e luto pela morte de uma criança nessas circunstâncias tomou a proporção de um acontecimento discursivo (Pêcheux, 1999, 1983/2008)³ rompendo com a ordem logicamente estabilizada pela ideologia dominante com relação ao refugiado. Tomamos essa foto, por um lado, como um acontecimento discursivo que (re) atualizou uma memória do que é ser criança e do tempo da infância, ao mesmo tempo em que possibilitou novas interpretações do que é ser refugiado, desnaturalizando o sentido estratificado que tinha até então, principalmente em função do discurso midiático. Por outro lado, tomamos essa imagem numa dimensão inconsciente, como o *Unheimlich*, o estranho-familiar que sinalizou o encontro do sujeito com o real pulsional (pulsão escópica e pulsão de morte). Não nos dispusemos a montar um glossário explicando os conceitos da psicanálise e da análise do discurso aqui usados, porque iríamos subestimar a capacidade do leitor, além de ser essa uma tarefa sem fim, que resultaria em um metatexto inadequado neste espaço.

Na atualidade, numa espécie de repetição histórica, assistimos pela mídia um retorno aos discursos racistas/segracionistas e uma sucessão de mortes e deslocamentos em massa. No início do século XXI temos a maior taxa de deslocamento desde a segunda guerra mundial segundo notícias veiculadas pelos jornais brasileiros. O deslocamento forçado, diferente daquele no qual se migra por escolha, parece ser uma repetição na história das civilizações. Em diversos momentos históricos grupos foram obrigados

³ Para Fábio Tfouni (2003), o acontecimento é o aparecimento do novo, algo que ainda não estava inscrito no simbólico - um nódulo do real que surge na realidade e clama por sentido, por interpretação.



● ● ●

a sair de seus países. As guerras, os conflitos armados e as catástrofes naturais são os principais motivos da migração forçada.

No caso da foto de Aylan, antes mesmo de se saber quem era, houve um impacto causado por uma imagem que não se queria ver, mas que - através do poder oriundo da possibilidade de permitir o compartilhamento em larga escala inúmeras vezes, incessantemente - difundiu-se de modo viral nas redes sociais e na mídia jornalística, situação que fez com que a Reuters anunciasse o seu poder de “viralização”: “a imagem perturbadora de um menino afogado capta o olhar, horroriza” (Reuters, 2015).

A criança da foto, Aylan Kurdi, fazia a travessia do mar Mediterrâneo na companhia dos pais, que fugiam da situação política e econômica da Síria em botes ilegais. Da família Kurdi, apenas o pai sobreviveu e a imagem do filho morto se transformou no símbolo (metáfora) dos refugiados. Até então, esses modos de fuga, em barcos ilegais, eram noticiados na mídia jornalística fazendo alusão a uma espécie de todo sem especificação, como uma massa que morre diariamente em tais condições. Sobre a ampla repercussão da foto, Safatle (2015) comenta:

Vejam que coisa impressionante: foi graças à circulação de uma foto que uma política criminosa de bloqueio de refugiados em situação de vida ou morte teve que ser momentaneamente suspensa. Alguns poderiam dizer que isso seria a prova maior da irracionalidade do campo político. Por quê? Porque nós agimos por afetos. Nós não agimos por argumentos. Nós tivemos milhares de argumentos a respeito dessa questão, por exemplo, e nenhum teve a força, nenhuma discussão teve a força de desencadear os efeitos que uma foto foi capaz de desencadear (Safatle, 2015, s/p).

Com relação aos afetos produzidos pela foto de Aylan, Silva (2018) propõe três explicações:



... é uma fotografia em que nos deparamos com a morte e que, de certa forma, escancara a noção de falência do sujeito. Isso porque tanto a fotografia quanto o próprio Aylan sintetizam uma ideia de fim, no sentido de não haver saídas. A imagem – porque revela uma criança morta aos 3 anos de idade, incapaz de sobreviver ao conflito – e Aylan, porque representa milhares de refugiados que não encontram outra solução senão fugir da guerra e procurar outro destino (e que, muitas vezes, sequer encontram espaço e amparo no lugar escolhido); ainda que de forma velada, trata-se de uma imagem que carrega o horror cravado nos conflitos – porque nos remete às atrocidades que acontecem a tantas pessoas (como Aylan) e nos faz recordar de outras imagens em que a angústia dos refugiados é ainda mais explícita; e, por fim, (3) pela dor e pelo sofrimento que, sabemos, o garoto passou: apesar de ele não apresentar qualquer marca de violência visível, seu rosto, enterrado na areia, e sua fragilidade e vulnerabilidade, própria de sua condição e estado, atestam isso (SILVA, 2018, p 93).

Hoffman (2010) afirma que as fotografias carregam a capacidade de personificar catástrofes, oferecendo-lhe rostos; ele mesmo disse que ficou “emocionalmente chocado” com a foto do menino sírio. A própria fotógrafa anunciou que ficou “petrificada” ao ver o menino morto. “Pensei no meu filho”, chegou a afirmar o policial que carregou o corpo de menino sírio, mencionando também “não posso descrever com palavras a visão tão triste e trágica que era aquilo”. “É a foto do fracasso da Europa, do mundo desenvolvido”, decretou Elena Valenciano, deputada socialista do Parlamento Europeu. O Papa Francisco definiu como “globalização da indiferença”.

Além disso, muitos na mídia (redes sociais) se identificaram com a imagem da criança morta: “Poderia ser meu filho”. Poderia ser esse mesmo sujeito que olha a foto e aponta para essa inquietante estranheza que existe em nós mesmos: “... estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta de nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada (...)” (Kristeva, 1994, p. 09). O que nos leva a concordar com Roudinesco (2000,

p. 153) que afirma estarmos numa sociedade em que se dedica o “culto à transparência, à vigilância e à abolição de sua parte maldita (...)”. Aqui nos deparamos com o funcionamento perverso e paradoxal da sociedade, em virtude dessa transparência edificada pela mídia que se manifesta numa espécie de imperativo categórico (Kant, 1785/2004) às avessas. Nesse imperativo das imagens, a mídia revela e dissimula práticas bárbaras e perversas.

Para Rivera (2006), a imagem está entre dois extremos: ilusão e impossibilidade:

... trata daquele ponto fugidio, de localização lábil, que nos obriga a fechar os olhos, diante da imagem, pois ele é pontiagudo, capaz de atingir, furar (os olhos): o *punctum*. Este é de localização estritamente subjetiva, justamente porque corresponde ao ponto em que a foto toca e põe em movimento pulsional o sujeito (Rivera, 2006, p 73).

O INSUPORTÁVEL ESTRANHO DE NÓS MESMOS

Há algo de insuportável e trágico na imagem de uma criança morta, sozinha numa praia. O corpo de Aylan está numa posição típica dos bebês ao dormir, de bermuda azul, camiseta vermelha e sapato, observamos um volume em sua bermuda que provavelmente seria uma fralda; tais índices parecem ter causado o potencial de afetação dos espectadores. O *Unheimlich* é um conceito chave para este artigo. Inaugurado por Freud (1919/1996), trata-se um traço do aparelho psíquico que se localiza numa fronteira invisível entre o sujeito e o outro; algo que pode parecer estranho (e angustiante) à primeira vista, mas é, na realidade, um elemento constitutivo do sujeito do inconsciente que estava recalcado. Nesse sentido, a foto de Aylan, numa espécie de projeção, revela a condição faltante do ser humano, e esse é



um dos fatores que sustentam a repercussão da foto, pois aponta para a castração e, ao mesmo tempo, para uma falha no discurso capitalista, falha essa relacionada à suposta igualdade de oportunidades.

A foto do menino sírio afogado, sozinho na praia, deu voz e visibilidade para a questão dos refugiados e a guerra que assola a Síria desde 2011, o Norte da África, Afeganistão (2001) e várias outras nações e nacionalidades “indesejáveis” por vários motivos (etnia, religião, cor da pele). Eram sujeitos invisíveis para o mundo até a veiculação dessa foto que se tornou o símbolo da “crise dos refugiados” ou “crise migratória”. Usando um termo de Fanon (1979), são os condenados da terra⁴, De tal modo, novos discursos e novos sentidos começaram a ser (re)formulados em torno da questão do refúgio e do refugiado. Daí adveio uma busca incessante por novas palavras que pudessem designar o horror da cena e o que ela simboliza. Um intenso movimento parafrástico e polissêmico (uma tensão constante entre sentidos já sabidos e outros inaugurais) marcou as manchetes dos jornais e outros meios de divulgação da foto de Aylan pelo mundo, com o intuito de dar corpo simbólico ao trauma causado pela cena e ao enigma que ela representa:

De Damasco a Bodrum: a viagem fatal do menino sírio que chocou o mundo (GUNTHER, 2015).

Necessidade de humanização responde dilema da foto de Aylan (COELHO, 2015).

⁴ A mais conhecida obra de Franz Fanon é *Os condenados da Terra*, que tem prefácio de Jean-Paul Sartre e um título inspirado no hino do movimento comunista internacional. É um livro extenso, que apresenta críticas ao nacionalismo e ao imperialismo, suas consequências psíquicas, uma discussão de como a linguagem é utilizada para estabelecer a identidade imperialista, como ‘colonizador’ e ‘colonizado’ usados de forma a moldar psicologicamente os nativos em sua função de escravo de um mestre, e até mesmo a função de um intelectual em uma revolução (FILGUEIRAS, 2017).



Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória (G1, 2015).

A foto deste menino simboliza toda a tragédia dos refugiados (BARBOSA, 2015).

Menino morto em praia que se tornou símbolo da crise migratória fuga de cidade dominada pelo Estado Islâmico (ANSA, 2015).

A paráfrase é a repetição de sentidos já existentes. Nos recortes acima, podemos destacar os significantes tragédia, viagem fatal, dilema, símbolo, que ocorrem em combinação com refugiado, crise migratória, humanização, dando uma dimensão polissêmica àqueles significantes, pois tais combinações produzem uma novidade já sabida por alguns, mas nunca divulgada tão amplamente.

A foto de Aylan inaugura uma perspectiva sobre o refugiado, que estava, até então, excluída do discurso dominante, dando destaque ao individual sobre o coletivo, ou seja: contrapondo a foto de uma criança morta a outras fotos que circulam na mídia em grande quantidade e mostram barcos frágeis repletos de refugiados em desespero. Sobrepor o individual ao coletivo produz um efeito de sentido de maior aproximação entre o espectador e a imagem, tendo como resultado uma maior identificação com a questão. A partir do efeito de exclusão (e segregação) do funcionamento capitalista há uma tentativa de reversão: incluir os excluídos e, para isso, são criadas as campanhas de solidariedade, as leis, os decretos, os estatutos jurídicos etc., com a intenção de garantir a dignidade humana. Porém, o excluído (socialmente) é sempre susceptível de tornar-se *Unheimlich*, e reaparece sob as mais diferentes representações. Os recortes apresentados acima podem ser analisados como tentativas de contornar esse *Unheimlich* (através do recurso à paráfrase) e recorrendo a novas associações semânticas, polissêmicas.



METODOLOGIA

Na metodologia, seguimos o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989a, 1989b) que foi desenvolvido no Brasil por Autor e seu grupo de pesquisa. As disciplinas que o autor denomina indiciárias são “eminente qualitativas” e não podem, por princípio, ser enquadradas no paradigma galileano, segundo o qual o dado é objetivo e transparente, e pode ser observado diretamente. Autor sintetizam: “Trata-se, portanto, de uma análise do tipo qualitativa, que não requer critérios matemáticos ou estatísticos, visto que não almeja uma generalização dos resultados, mas sim uma topologia das singularidades”. A psicanálise e a Análise do Discurso de tradição francesa (AD) são disciplinas indiciárias. Esses campos do saber entendem a realidade e a linguagem como opacas e reconhecem que existem zonas privilegiadas – sinais e indícios – que permitem decifrá-las. Um saber indiciário mostra-se enriquecedor para as pesquisas qualitativas, ou seja, para analisar episódios insignificantes frente ao universal, mas reveladores, para um entendimento aprofundado do objeto investigado. Autor, em referência ao paradigma indiciário, afirmam que a posição do analista privilegia a relação indireta estabelecida entre os dados e suas condições de produção, sendo estas um meio de detecção dos indícios linguístico-discursivos nos recortes escolhidos pelo pesquisador. Recorte, então, passa a ser entendido como fragmento de uma situação discursiva cuja escolha é determinada pelo olhar do pesquisador. Desse ponto de vista, algo para além do conteúdo é analisado: as condições de produção de um discurso, mostrando a dimensão do acontecimento numa dada estrutura discursiva.



A MORTE DE UMA CRIANÇA: O TRAUMA E O APARECIMENTO DO *UNHEIMLICH*

O par de significantes criança/infância não foi sempre interpretado do mesmo modo em diferentes épocas. Ferreira e Porto (2018) comentam que a ideia de infância vem variando ao longo dos séculos e entre culturas. Conforme Narodowski (1993, pp. 23-58):

... a infância é fenômeno histórico e não meramente natural, e, no Ocidente, suas características precípua podem ser classificadas como heteronomia, dependência e obediência ao adulto em troca de proteção. Essa perspectiva vai ao encontro da proposição de Philippe Ariès (1973), para quem é preciso aceitar que a infância, tal qual é entendida hoje, resulta inexistente antes do século XVI.

Para compreender as formas de significar a criança e a infância, devemos concebê-las enquanto inseridas no interior de uma formação social determinada. Tal significação é atravessada pela representação que o sujeito historicamente situado tem de criança e de infância. Até o século XII não havia lugar para a infância na sociedade (ARIÈS, 1973), o que pode ser constatado, por exemplo, pela ausência de representação de crianças na arte medieval. Nesse sentido, destacamos que os dois significantes (criança e infância) andam juntos. Neste caso, o significante adulto marca uma diferença em relação ao ser criança, sendo o sentido de criança fruto de uma construção histórica que passa por mudanças ao longo do tempo. A partir da contribuição desse autor, podemos afirmar que na sociedade medieval não havia infância no sentido predominante na atualidade no mundo ocidental:



lugar de criança é na escola, criança deve brincar, criança é feliz, criança representa esperança⁵, futuro, etc. O autor comenta também que

... o sentimento de infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÈS, 1973, p. 156).

Em meio à edificação do Estado Moderno (que ocorre a partir do século XV), mais especificamente na segunda metade do século XIX, o discurso sobre família foi fortalecido como dispositivo social e a infância foi tomada como um importante período para o desenvolvimento (físico, psíquico e moral). Heywood (2004) afirma que as cidades modernas foram tomadas como corpo, sendo que a família passou a ser simbolizada como lugar de recolhimento e refúgio. Esse novo discurso instaura um novo lugar social para a criança, que passa a ocupar uma posição de valor central na família, que, na Idade Média, era do pai. A ideia de infância torna-se um objeto de estudo da ciência moderna, sendo incluída como objeto de investigação pela psiquiatria e a psicologia a partir do início do século XX. Heywood (2004) comenta apropriadamente que “atualmente, no ocidente, acabamos realmente por associar a infância, em termos gerais, a características como a inocência, a vulnerabilidade e a assexualidade (...)” (p. 12).

⁵ É conveniente lembrar o *slogan* de um conhecido programa de televisão do tipo telethon que tem por objetivo declarado angariar fundos para investir na formação e bem-estar das crianças brasileiras: CRIANÇA ESPERANÇA. Não cabe aqui analisar essa nomeação, porém o não uso da vírgula entre criança e esperança dissipa a possibilidade de sinonímia, criando um efeito de sentido de continuidade semântica.



Ressaltamos que existem, num mesmo momento histórico, formações discursivas antagônicas às descritas acima. Por exemplo, no início do século XX, inaugura-se o discurso psicanalítico que rompe com a ideia romantizada da criança inocente e assexuada Freud (1907/1976). Sua proposta é diferente do discurso naturalista e desenvolvimentista em que a normalidade sexual era tomada para fins de reprodução.

Com relação ao lugar social da criança na modernidade, Ariès (1981) também mostra que o surgimento das escolas está intimamente ligado à invenção da infância, tornando comum, na configuração dessa estrutura social, a frase “lugar de criança é na escola”. Esse imaginário social⁶ sobre criança/infância, estabilizado como sentido dominante pela ideologia, entra em confronto com a realidade contemporânea, na qual crianças morrem, passam fome, adquirem doenças evitáveis e ficam órfãs em virtude de guerras, como é o caso de Aylan Kurdi, que nos interessa neste artigo para compreendermos por quê, e como, as fotos de crianças mortas ou em situação de barbárie produzem um misto de sensações: choque, horror, compaixão, pena etc.

Calligaris (1991) destaca que na modernidade a criança é reconhecida do lugar de majestade⁷, e pontua que “talvez não se trate de excelência simbólica, mas algum tipo de incondicional exaltação fantasmática da criança” (p. 46). Nesse sentido, a foto de Aylan desestabiliza o ideal de infância da sociedade ocidental moderna e o sujeito, ao olhar Aylan, olha para a perda de uma

⁶ De acordo com Moraes (2002), “o imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano”.

⁷ Em “Introdução ao Narcisismo”, trabalho de Freud de 1914, o autor se refere à criança como sendo “his majesty – the baby” (Sua majestade, o bebê) (Freud, 1914/1996).



infância que deveria ter sido feliz. A imagem de Aylan evoca uma infância tragicamente interrompida. Desestabiliza-se, portanto, esse imaginário, uma vez que a associação aparentemente natural que se faz entre criança/vida/futuro/esperança é quebrada pela sequência criança/morte/fim/ tragédia⁸. De acordo com a ideologia dominante, a morte está associada à velhice, não à infância.

Fazendo parte da mesma formação discursiva de criança feliz, temos o significativo vulnerável (ECA,⁹ 1988), que também pretende definir o que é ser criança. Vulnerável e desamparada, é essa a imagem da criança na atualidade: um sujeito que precisa ser protegido em situações de perigo, de barbárie, de guerra e fome, como era o caso de Aylan. A morte de Aylan anuncia o fracasso daqueles que poderiam tê-la evitado e não o fizeram. A criança feliz e vulnerável é substituída pela imagem da criança morta, o que instaura, por parte do adulto, um mal-estar psíquico, perdendo-se a referência simbólica da travessia “feliz” de ser criança para ser adulto e de que o adulto deveria evitar situações que proporcionem sofrimento à criança. A foto de uma criança morta, juntamente com as condições de produção desse evento (guerra, exílio, perseguição étnica e religiosa) implica a negação de tudo isso, e a emergência concomitante do *Unheimlich*, conforme comenta de Lajonquière (2010, p. 95);

⁸ É necessário ressaltar que, apesar de tudo, ainda restam dúvidas sobre o tratamento dado às crianças na atualidade. No que diz respeito à educação, por exemplo, a desigualdade começa ainda na primeira infância. Segundo o IBGE, quase 30% das crianças mais pobres do Brasil estavam fora da escola em 2013. Outra pesquisa, feita pela Fundação Abrinq em 2016, revela que houve um aumento de 143 mil crianças e adolescentes ocupados pelo trabalho infantil entre 2013 e 2014. Mais de 60% vivem nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. <http://primeiros1000dias.com.br/ser-crianca-hoje-historia/>

⁹ Estatuto da Criança e do Adolescente



Quando um ser grande se depara com uma criança, olha-se nela como se fosse um espelho. Olha olho no olho e, assim, pretende que do fundo desse olhar lhe retome sua própria imagem às avessas, ou seja, espera ver-se não sujeito à castração, espera voltar no tempo, para fruir à exaustão do que restou da infância perdida - o infantil. Justamente, o adulto investe narcisicamente a criança na tentativa - sempre vã – de esgotar esse infantil que não cessa de não retornar para, assim, finalmente, saber tudo sobre ‘sua’ infância e, dessa forma, ser um verdadeiro adulto, e não simples gente grande.

A dimensão do acontecimento instaurado pela foto de Aylan morto pôde ser apreendida a partir do momento em que se integrou a uma série metafórica de retomadas de outros acontecimentos inscritos na memória social, e não necessariamente ali presentes de maneira homogênea. É a interpretação, realizada através da leitura do arquivo (Pêcheux, 1994)¹⁰, que permite que se faça um laço entre esses acontecimentos. No caso da foto, dos efeitos e afetos que ela provocou, podemos localizar no arquivo (interdiscurso) pelo menos outro acontecimento análogo. Vejamos abaixo:

Foto 4¹¹



¹⁰ O arquivo refere-se ao “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (Pêcheux, 1994, p. 57).

¹¹ - Menina de Napalm. Fonte: AP Photos/ Nick Ut, 8 de junho de 1972.



A foto 4 foi tirada por Nick Ut em 8 de junho de 1972. Mostra um grupo de crianças norte vietnamitas, entre elas Kim Phuc, nua e gritando de dor (ou de desespero?). Estavam fugindo de um ataque químico com napalm feito pelos americanos, em Trang Bang, no Vietnã, durante a guerra do Vietnã (com início em 1959 e término em 1975). Essa foto se tornou um símbolo das barbáries da guerra, que matou milhões de civis vietnamitas, e sua repercussão provocou reações enérgicas da sociedade civil americana, precipitando o fim da guerra do Vietnã que já durava 13 anos. A tessitura de uma memória social tem, na foto acima, um de seus pontos de estofa, e algo do que retorna na foto de Aylan: a guerra, a fuga, o sofrimento (e morte) de uma criança. Assim, entendemos que a cultura visual contemporânea e o conteúdo midiático, incrementado pelas inovações tecnológicas, podem influenciar na construção da memória social e da identidade cultural (TORINO, 2013).

Essas imagens produzem sentidos a partir da interpelação ideológica, mas, também, possuem um viés de denúncia, trata-se de imagens relacionadas a situações que ferem os direitos humanos e apontam para uma falha no sistema político e social, a qual indicia a falta de igualdade de direitos e oportunidades para todos. Esse funcionamento produz efeitos no imaginário social e na memória coletiva. Assim, acontecimentos isolados chocantes podem entrar para um arquivo social.

CONCLUSÕES

A foto de Aylan faz vir à tona o *Unheimlich* e uma angústia coletiva cujo eixo indispensável é o estranhamento, que funciona como defesa contra a interpelação do Outro ou da ideologia. A angústia emerge, não pela perda do objeto, mas pela presença do objeto (a falta da falta, conforme Lacan (1962-



63/2005)). As fotos de crianças em situações de morte e sofrimento encarnam um buraco no real para o qual não existe nomeação na cultura. Trata-se de um jogo que consiste em mostrar e apagar a condição de sofrimento/miséria/horror em que vivem tantas crianças pelo mundo para além do que a fotografia nos permite ver. São facetas da repetição histórica do mal-estar e essas fotos (crianças em situação de barbárie) possuem funções ambivalentes: ao mesmo tempo em que causam um mal-estar naquele que olha, também denunciam uma problemática social ou uma falha no sistema capitalista.

A foto de Aylan, ao mesmo tempo em que aponta para o furo na fantasia do sujeito moderno, marca a condição existencial, uma espécie de presentificação da própria castração. Se fosse outros tempos, ou outra cultura (outra formação social), a imagem de uma criança morta poderia não produzir essa diversidade de afetos naqueles que olham. Consideramos que o discurso dominante em cada momento histórico naturaliza uma realidade e impõe uma única forma de dizer (ou discursivizar), através de uma formação discursiva¹² (FD) permitida e dominante, que apaga outras possíveis naquele mesmo contexto. Assim, é “normal” um discurso em que criança é associada com ser feliz, inocente, vulnerável, estar na escola, e isso é evidenciado pela circulação de fórmulas (genéricos discursivos) sobre a criança: “lugar de criança é na escola”, “toda criança deve brincar” e “toda criança deve ter uma infância feliz”. Trata-se de enunciações diferentes, mas que têm equivalência no imaginário social brasileiro.

¹² Pêcheux (1988) define formação discursiva como o que pode e deve ser dito, a partir de uma relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrita numa relação de classes. Isso significa que os sentidos não circulam livremente e de modo igualitário; há mecanismos que permitem/proíbem determinados sentidos de serem discursivizados.



De Lajonquière (2013) em seu livro *Les figures d'Infantile* conclui que há duas dimensões fantasmáticas (simbólica e a imaginária) que giram em torno do significante criança: aquele da criança ideal (l'enfant idéal) e aquele de uma infância reencontrada (une enfance retrouvée). Essas duas dimensões nos dias atuais funcionam como um obturador da castração do complexo do Édipo, o que leva o autor a considerar a criança como causa de uma inquietante estranheza (*Unheimlich*), uma espécie de retorno do recalçado em que a criança presentificaria a suposta infância perdida do adulto. Porém, o autor aponta consequências com relação à ilusão que se deposita na vida de uma criança:

Inutile d'insister sur le fait que dans l'éducation d'un enfant, nous allons revivre *le temps de l'enfance*. Cependant, l'enfant idéal de l'illusion psychopédagogique *aux temps de l'autisme* vient entraver la possibilité qu'une telle chose se produise. Le rêve d'un enfant qui apprend seul et ne demande rien à personne permet à l'adulte de se tromper tout en lui permettant de se détacher de tous ses souvenirs d'enfance. Ainsi, l'adulte se trompe sur la possibilité d'avoir « un temps futur sans passé » (de LAJONQUIERE, 2013, p. 12).¹³

Diante das considerações expostas, pode ser mencionado que a ideologia dominante interpela o sujeito a acreditar que toda criança é feliz - essa é a dimensão do imaginário, advindo daí o sentido. Vale destacar que o imaginário não existe por si só, uma vez que funciona atrelado ao significante, que

¹³ É desnecessário insistir que, na educação de uma criança, revivemos *o tempo da infância*. No entanto, a criança ideal da ilusão psicopedagógica nos tempos de autismo dificulta a possibilidade de tal coisa acontecer. O sonho de uma criança que aprende sozinha e não pede nada a ninguém permite que o adulto se engane e se desprenda de todas as suas memórias de infância. Desse modo, o adulto se engana a respeito da possibilidade de « existir um tempo futuro sem passado» (Tradução livre).



constitui a dimensão simbólica. Do ponto de vista da análise do discurso e da psicanálise, não existe nada que não seja atravessado pelo simbólico¹⁴; no entanto, há algo que escapa a essas duas dimensões, o real em suas duas facetas: o impossível de ser de outro jeito, e o contingente, em que é impossível fazer Um. Compreendemos, assim, que o estado da luta de classes (ou das diferenças sociais) atua como algo impossível de ser resolvido (ALTHUSSER, 1970/1983). Isso quer dizer que é impossível uma sociedade onde todos sejam iguais, ou seja, as oportunidades e direitos não são iguais para todos: nem toda criança tem um futuro pela frente, nem toda criança passa sua infância brincando, nem toda criança é feliz.

Em síntese, a foto tem o efeito de produzir um deslocamento de uma formação discursiva para outra. A formação discursiva dominante a respeito de criança/infância que, por efeito ideológico elementar, associava o par com vida/futuro é rompida pela foto, impondo uma outra interpretação (outra formação discursiva), onde criança/infância tem seu sentido ligado a morte. Temos aí um acontecimento, ou seja, algo do real que irrompe no simbólico. O sentido, antes logicamente estabilizado pelo trabalho da ideologia dominante, entra em deriva, provocando a necessidade de uma nova interpretação e, conseqüentemente, demandando novas posições para o sujeito do discurso. Esse elemento - que desestabiliza o nó entre as três dimensões (real, simbólico e imaginário) - nós atribuímos ao *Unheimlich*, o Estranho: tudo aquilo que deveria permanecer oculto, mas acaba se materializando discursivamente. Desse modo, alguns interditos proibidos de circular socialmente, como a

¹⁴ Seguimos Milner (1995, p. 92), que afirma que nada existe fora do simbólico.



morte de crianças, ganham corpo simbólico e escancaram, às vezes através de uma única foto, a faceta trágica da sociedade capitalista contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. (1970). **Aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução de W. J. Evangelista e M. L. V. Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ANSA. Menino morto em praia que se tornou símbolo da crise migratória fogia da cidade dominada pelo Estado Islâmico. **R7 notícias online**. São Paulo. 03 set. 2015. Disponível em <https://noticias.r7.com/internacional/menino-morto-em-praia-que-se-tornou-simbolo-da-crise-migratoria-fugia-de-cidade-dominada-pelo-estado-islamico-03092015>. Acesso em: 20 set. 2017.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, V. A foto deste menino simboliza toda a tragédia dos refugiados. **Exame online**. São Paulo, 04 set. 2015. Disponível em <https://exame.com/mundo/a-foto-deste-menino-simboliza-toda-a-tragedia-dos-refugiados/>. Acesso em: 20 out. 2019.

CALLIGARIS, C. **Hello Brasil**: notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. São Paulo: Escuta, 1991.

COELHO, L. Necessidade de humanização responde dilema sobre foto de menino morto. **Folha de São Paulo online**. São Paulo. 03 set. 2015. Seção Mundo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677324-necessidade-de-humanizacao-responde-dilema-sobre-foto-de-menino-morto.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2018.



COURTINE, J-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse Du discours à proposdu discours comuniste adresse aus crhétiens. **Langages**, v. 62, p. 9-18, 1981.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERREIRA, S,; PORTO, D. Combate à violência contra crianças e adolescentes: desafio para a sociedade brasileira. **Revista de Bioética**. v. 26, n. 1. p. 7-11, 2018. <https://doi.org/10.1590/1983-80422018261000>. Acesso em: 12 de set 2020.

FILGUEIRAS, H. Livro da Semana: Os condenados da Terra – Frantz Fanon. **Colunas tortas**. 09 jan. 2017. Disponível em <https://colunastortas.com.br/os-condenados-da-terra-frantz-fanon/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FREUD, S. (1907) O esclarecimento sexual das crianças. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. O estranho. (1919). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. J. Rio de Janeiro: Imago, 1996

_____. (1914). Introdução ao Narcisismo. In. _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. **G1. São Paulo**. 03 set de 2015. Seção Mundo. Disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>. Acesso em: 14 jul 2019.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p. 143-179.



_____. **Mythes, emblèmes et traces.** Morphologie et histoire, Paris, Fr: Flammarion, 1989b

GUNTHER, J. De Damasco a Bodrum: a viagem fatal do menino sírio que chocou o mundo. **BBC News Brasil.** 04 set. 2015. Seção Internacional. Disponível em <https://noticias.r7.com/internacional/de-damasco-a-bodrum-a-viagem-fatal-do-menino-sirio-que-chocou-o-mundo-04092015>. Acesso em: 20 nov 2018.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOFFMAN, E. T. A. W. (1817). O Homem de Areia. In: Hoffman, Ernst Theodor Amadeus Wilhelm. **Contos Fantásticos.** Rio de Janeiro: Imago, 2010.

KANT, I. (1975). **Fundamental Principles of the Metaphysics of Morals.** EUA: Createspace Independent Publishing Platform, 2004.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994

LACAN, J. (1972-1973). **O Seminário, livro 20:** Mais, ainda. Tradução: Ribeiro, V. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. (1962-1963). **O seminário livro 10: A angústia.** Tradução: Ribeiro, V. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. (1964-1965). *O seminário: livro 11.* Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de V. Ribeiro, Trad. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

De Lajonquière, L. **Figuras do Infantil:** a psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Figures de l'infantile.** La psychanalyse dans la vie quotidienne auprès des enfants. Paris, Fr: L'Harmattan, 2013.



MILNER, J-C. **L'oeuvre Claire**. Paris: Le Seuil, 1995.

MORAES, D. Imaginário social e hegemonia cultural. **Gramsci e o Brasil**, julho 2002. Disponível em <https://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>. Acesso em: 20 set 2020.

NARODOWSKI, M. **Infância e poder**: a conformação da pedagogia moderna. 2013. 229f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Orlandi, Eni Pulcinelli. Campinas: Pontes, 1988.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 55-64.

_____. Papel da memória. In: PIERRE, A et al. **Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 52-53.

_____. (1983). **O Discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução de Orlandi, Eni Pulcinelli. 5 ed. Campinas: Pontes, 2008.

Troubling image of drowned boy captivates, horrifies troubling image of drowned boy captivates horrifies. **REUTERS**. World News, 02 set. 2015. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-europe-migrants-turkey/troubling-image-of-drowned-boy-captivates-horrifies-idUSKCN0R20IJ20150902>. Acesso em: 4 jan 2020.

RILKE, R. M. **Cartas a um Jovem Poeta e A Canção de Amor e Morte do porta-estandarte**. Tradução de C. Meireles. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1961.

RIVERA, T. 2006. Cinema e pulsão: sobre “Irreversível”, o trauma e a imagem. In: **Revista do Departamento de Psicologia**. Niterói, v. 18, n.



1. p. 71-76, 2006. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232006000100006>. Acesso em: 12 jul 2020.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAFATLE, V. TV Cultura: Programa Café Filosófico. São Paulo. 29 de setembro de 2015.

SILVA, L. C. 2018. **Para além de Aylan Kurdi**: a imagem de tantos na fotografia do menino sírio. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2018.

TFOUNI, F. E. V. Memória e fetichização da mercadoria. **Organon**, v. 17, n. 35. p. 85-99, 2003. Doi: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30019>. Acesso em: 15 set 2020.

TORINO, I. H. C. A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, 2013. Disponível em <https://www.eumed.net/rev/cccss/26/memoria-social.html>. Acesso em: 20 de dez de 2019.

